

ENTRE FLORES, BORBOLETAS E FADAS: A ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Arlete Terezinha Draszewski – UNOESC
Giovana Maria Di Domenico Silva – UNOESC

Eixo Temático: Processos do ensino e da aprendizagem

RESUMO

O presente artigo constitui-se de relato, articulado a reflexões teóricas, acerca de vivências no estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil. Objetivamos relatar a reflexão, a partir da prática, acerca da infância e sua singularidade, a fim de reconhecer a criança como ser social e histórico, valorizando o que é específico da natureza infantil: a ludicidade, imaginação e fantasia. A temática orientadora dessa proposta de estágio foi Educar e Brincar: respeitando a especificidade infantil. Justificamos como necessária a discussão proposta por entender que, cada vez mais, neste período histórico, a ludicidade, a imaginação e a fantasia, que caracterizam o tempo de infância, vêm sendo negado, e diante deste contexto, é preciso que a educação construa esta reflexão para que a escola não se caracterize como mais um espaço desta negação e sim como um espaço privilegiado de reconhecimento do ser criança a partir de oportunidades de vivências plenas de infâncias. Neste sentido, descrevemos e alicerçamos em bases teóricas, visando significar a importância de se consolidar situações de aprendizagens pautadas no reconhecimento das singularidades infantis. A vivência do estágio aconteceu no Centro Educacional Infantil Tio Patinhas, na turma do Maternal III, com duração de 20h. Com a referida vivência e análise, concluímos que o contexto escolar, quando constituído de situações de aprendizagens que privilegiam aspectos lúdicos, envolvendo imaginação e fantasia, caracterizam-se como espaços que respeitam e valorizam a singularidade e a especificidade infantil.

Palavras-chave: Infâncias. Crianças. Ludicidade. Imaginação. Fantasia.

1 INTRODUÇÃO

Diante da violência, do consumismo, da influência da mídia e da falta de espaço, percebemos que as condições de existência das crianças tornam-se cada vez mais complexas. As crianças não são ouvidas, e nem sequer percebem-se os desejos e o querer que elas têm. Adultos e crianças passaram a ter o mesmo desejo de serem jovens, impedindo a verdadeira vivência da preciosa etapa de vida infantil. O grande avanço tecnológico originou uma poderosa indústria de serviços e produtos destinados às crianças, o que ocasionou uma significativa exploração infantil diante do mercado capital (consumismo). Desencadeou-se uma nova ordem familiar, explicada pelas transformações estruturais familiares em que a família tornou-se tanto um espaço de acolhimento e afeto, como também um lugar

problemático e crítico, o que reflete significativamente no desenvolvimento da criança. Além disso, percebe-se, nessa sociedade, uma concepção de criança que despreza, em muitos momentos, a singularidade infantil: a medida em que os segmentos escolares avançam, as crianças vão deixando de serem crianças e passam a ser consideradas unicamente alunos, reduzindo consideravelmente os espaços e o tempo para o brincar.

Diante do exposto, objetivamos relatar a reflexão acerca da infância e sua singularidade, a fim de reconhecer a criança como ser social e histórico, valorizando o que é específico da natureza infantil: a ludicidade, imaginação e fantasia.

Assim, a partir das vivências de estágio de docência na educação infantil, que envolveram diversas ações, destacamos: (a) diagnóstico realizado no contexto escolar com o intuito de observar e refletir sobre a importância da oferta de atividades que envolvam a ludicidade, a imaginação e a fantasia, o que justifica a escolha do tema - Educar e brincar: respeitando a especificidade infantil -, articulado com o subtema - Primavera: borboleteando, brincando e aprendendo -, o qual fora definido em conjunto com a escola campo de estágio. (b) construção de referencial teórico e (c) elaboração e desenvolvimento do projeto de docência, o qual objetivou oportunizar espaços e interações lúdicas a fim de valorizar e respeitar a infância, proporcionando às crianças vivenciarem e conhecerem prazerosamente a estação multicolorida e alegre da primavera.

Assim, o trabalho tem por base a pesquisa qualitativa, cuja proposta “trabalha com um universo de significados, motivos e aspirações, crenças valores e atitudes. (MINAYO, 2008, p. 21). Neste intuito, descrevemos e analisamos teoricamente as vivências desenvolvidas no processo de estágio de docência, tendo como atores dezoito crianças, do Maternal III, de faixa etária de três anos de idade, aqui denominadas por letras, visando preservar suas identidades.

O cenário foi o Centro Educacional Infantil Tio Patinhas e um roteiro que incluía Canteiro Mágico, Flores, Borboletas, Saco Encantado, Palavras mágicas, Caixa da Magia, Cabanas, Cartas misteriosas... e personagens especiais: Fada Jasmim, Bruxa Mirabel, Joanhina Carlota, Centopéia Dorotéia... Estava tudo preparado para o espetáculo começar... Expectativa... Ansiedade... Entusiasmo... E, então... Abriram-se as cortinas do grande palco...

2 ERA UMA VEZ... UM JARDIM ENCANTADO...

Enfim, havia chegado o tão esperado dia. As crianças chegavam e, depois de

cumprimentos e abraços, logo se envolviam com as novidades dos diferentes brinquedos, escolhiam os litros, pegavam as tampinhas, mexiam nas caixas coloridas. No mundo do faz de conta, elas experimentavam, sentiam, ousavam, socializavam-se, compartilhavam, reinventavam, viviam diferentes papéis e viajavam para diferentes tempos e espaços.

Brincando a criança envolve-se com o que está fazendo, pois coloca sentido e emoção em seus atos. A brincadeira permite à criança explorar, inventar, conhecer, interpretar, interagir e vivenciar situações que contribuem, significativamente, em seu desenvolvimento afetivo, social, físico e cognitivo, além de auxiliar a criança a se situar no mundo que está inserida, integrar-se socialmente e organizar seus pensamentos e ações. Desse modo:

Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e nela são produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria: existe uma história humana porque o homem tem infância. As crianças brincam, isso é o que as caracteriza. (KRAMER, 2006, p. 15)

Durante a brincadeira, K. dirigiu-se à estagiária e, curiosa, perguntou: “O que é aquilo no espelho”; “Não sei, mas parece que é uma carta”... e então... a surpresa... A Fada Jasmim prometia uma visita e muitas surpresas... Diante da Fada, de sua varinha de condão e de seu Saco Encantado, a fantasia era inevitável.

O faz-de-conta permite o desenvolvimento do mundo simbólico, é um desfrute, ilusão, que possibilita à criança imaginar, imitar ou criar, fazer coisas que a realidade não permite fazer, de forma prazerosa e significativa: “O jogo simbólico ou faz-de-conta, particularmente, é a ferramenta para a criação da fantasia necessária às leituras não-convencionais do mundo. Abre caminho para a autonomia, a criatividade, a exploração de significados e sentidos.” (SANTA CATARINA, 2005, p.53).

Assim, as crianças, surpresas com a visita, também se encantaram com o presente trazido pela Fada: o “Canteiro Mágico”, uma grande almofada verde, decorada com flores coloridas, que marcaria cotidianamente os momentos da rodinha, de forma mais prazerosa e significativa. Desse modo, depois de acomodados no “Canteiro Mágico”, chega a hora de abrir o Saco Encantado, porém o Saco só abriria se as crianças dissessem, em bom tom, as palavrinhas mágicas: “Sim Sá La Bim! Sim Sá Lá Mós! Saco Mágico o que trazes para nós?”

Assim, o Saco Encantado trouxe para as crianças máscaras em formato de flores e borboletas... e então, o maravilhoso mundo da imaginação e da fantasia entrou em cena e o cenário da sala foi transformado em canteiros de flores de um Reino Encantado. Um painel flexível, uma bacia com água e um CD dos sons da natureza, representando a floresta, foram recursos utilizados também, para a contação da história “Romeu e Julieta”, de Ruth Rocha.

São muitas as razões que justificam a importância das histórias no cotidiano infantil. Ouvir histórias, mesmo antes de saber ler, é essencial para a formação de qualquer criança e, indiscutivelmente, importante para a formação de leitores. De acordo com Abramovich (1995, p.17), ler histórias é:

Suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos se atravessamos [...] É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, se viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

Sendo assim, a imaginação é parte integrante do processo de aprendizagem, pois é através dela que a criança estabelece relações entre as informações e os conhecimentos, ou seja, é por meio da imaginação que a criança constrói os significados. Duarte (2005, p.100) afirma que é por meio dela que “o homem se desprende do universo meramente físico para criar o mundo dos valores e dos significados”.

3 BORBOLETEANDO COMAS CORES E CONHECENDO NOVOS AMIGOS.

As vivências na turma foram marcadas por momentos de encantamento e fantasias, significativamente, apreciados pelas crianças. A Fada, o Canteiro Mágico, o Saco Encantado e a Caixa da Magia foram estratégias introduzidas a fim de atrair a atenção das crianças e fazer com que as crianças se sentissem cada vez mais pertencentes ao grupo, permitindo a interação e participação da turma. Nestes momentos, as crianças podiam falar, ser ouvidas, tocar, sentir, marcando o momento da rodinha de forma prazerosa e divertida.

Acomodadas no “Canteiro Mágico”, as crianças tentaram adivinhar o que havia dentro do Saco Encantado, e então, a surpresa: grandes figuras e belas imagens, que

objetivavam sequenciar a história e, em seguida, montar um livro gigante, assim, as crianças iam respondendo às perguntas da estagiária, lembrando e recontando a história Romeu e Julieta.

Em outro momento, a estagiária apresentou a “Caixa da Magia” às crianças. De lá, saiu papel colorido, rolo de papel higiênico e tintas coloridas, para, então, ser explicada a proposta de trabalho, que naquele momento seria marcada com uma significativa diferença: eles iriam pintar o rolo do papel não com pincéis, mas se utilizando dos dedos.

Destacamos que atividades artísticas são de importância ímpar na prática pedagógica da Educação Infantil. Redin (1998) ressalta que as expressões artísticas são indispensáveis, ao envolver a percepção, os sentidos, a imaginação e as emoções, essenciais para o desenvolvimento do indivíduo. “A arte, como o movimento, como a brincadeira, é uma dimensão humana universal que está presente em toda criança, embora comece a desaparecer no adulto por demais marcado pela “educação” das instituições nas quais é enquadrado desde que nasce.” (REDIN, 1998, p. 75)

A partir da criatividade, da capacidade criadora, passamos a construir um sentido que norteie nossa ação, logo os conhecimentos e saberes passam a ser construídos por meio da significação. De acordo com Duarte (2005), devem-se levar em consideração os aspectos lúdicos e estéticos, permitindo a criança criar sentidos e significados a sua existência, ao seu modo de pensar e agir, direcionada à sensibilidade, à criatividade, à imaginação e à emoção, respeitando, assim, a especificidade e singularidade infantil.

Chegada a hora do almoço, a professora avisou a turma que a Fada havia mandado outra carta, dizendo que as crianças ganhariam uma surpresa após o almoço. Ansiosas com a surpresa, as crianças dirigiram-se para o refeitório, e depois do almoço, já acomodadas em seus colchões, entrou em cena uma amiga da turma, a personagem Joaninha Carlota, cantando e conquistando, com muita fantasia, as crianças, que adoraram, surpreendentemente, sua visita, diante de sua chegada em um momento não esperado: a hora do descanso do dia.

A rotina é a estruturação de nossa vivência cotidiana. O professor possui autonomia para pensar, planejar e organizar a rotina na Educação Infantil. De acordo com Proença (2004), podemos considerar dois tipos de rotina: a estruturante e a mecânica.

A rotina estruturante diferencia-se da mecânica por ter objetivos propostos no projeto pedagógico institucional, por ser planejada em sintonia com o tempo disponível, as atividades propostas, o ritmo dos participantes e, em especial, por estar alicerçada na concepção de criança. (PROENÇA, 2004, p. 15)

De acordo com a autora, na rotina estruturante, a organização do tempo e do espaço é realizada de forma articulada e significativa, e as atividades cotidianas são dinâmicas e fazem sentido para a criança, promovendo o desenvolvimento da identidade e autonomia infantil. Diferentemente, a rotina mecânica é estruturada de forma congelada, impositiva e fechada, tornando as crianças passivas, submissas e dependentes.

Barbosa (2006) afirma que a rotina da Educação Infantil é uma categoria social, e por isso, deve-se “Mostrar que algumas práticas que parecem insípidas, inodoras e incolores, têm sim, cor, cheiro e gosto”.

Organizar a rotina de forma a ser significativa e prazerosa para as crianças é considerá-las como seres singulares, únicos, possuidores de identidade, de necessidades físicas, cognitivas e, principalmente, emocionais.

Müller e Redin (2007, p.17), acerca dessas reflexões, também ressaltam que:

O cotidiano na escola de educação infantil será significativo para as crianças, se for um espaço de trocas, de intercâmbio, de valorização de diferenças. O professor precisa estar aberto ao novo e ter habilidade para torná-lo rico de possibilidades, transformando situações aparentemente simples e desprovidas de novidades, em formas criativas e interessantes que possibilitem a participação e envolvimento do grupo. O papel dos educadores é fundamental para isso, eles são responsáveis pela organização do espaço, dos materiais, dos brinquedos e jogos, pela oferta de literatura infantil, pela condução de um projeto, de uma pesquisa. Nas atividades se na forma de planejá-las e acompanhá-las estão presentes suas concepções de infância, de educação, de ensino, de aprendizagem, ou seja, de cultura.

Assim, o momento do encantamento e da imaginação deu a possibilidade de as crianças melhor se alimentarem na hora do sono, motivadas pela posterior surpresa, além disso, acalmaram-se e, tranquilamente, dormiram na hora do sono, pela gostosa companhia de Dona Joaquina, o que transformou a rotina prazerosa e significativa para as crianças.

4 ENTÃO BORBOLETAS, QUE TAL DARMOS UMA VOLTA PELO JARDIM ENCANTADO?

Explicando que a Fada havia colocado flores perfumadas no caminho para o pátio, a estagiária distribuiu as borboletas feitas no dia anterior e...“Então borboletas, que tal darmos

uma volta pelo Jardim Encantado?” Assim, as “borboletas” saíram voando para o pátio, tocando e cheirando as variadas flores que encontravam, até chegarem em “um lago” (uma bacia com água), em uma bela sombra de uma gramado, em que descansariam. Foi uma curtição!

Respeitar a criança em sua especificidade é valorizar a criança em sua integralidade, afirmando a dimensão humana da infância, do poder, singular, da capacidade de imaginação, criação e espontaneidade.

Desse modo:

Em uma etapa de crescimento físico e de muita curiosidade, a criança precisa movimentar-se com constância, agir e interagir com tudo e com todos que a cercam, explorando percepções sensoriais e nutrindo seu imaginário, apropriando-se e significando as práticas culturais do contexto onde está inserida. (PROENÇA, 2004, p. 14)

Diante disso, possibilitar que a criança participe, fale, ouça, abrace, imagine, toque, sinta, cheire é valorizar a integralidade, é estimular a construção dos conhecimentos, a criação de sentido e significado pela criança, valorizando, dessa forma, a singularidade e a especificidade infantil.

5 BRINCANDO NA COZINHA... E FAZENDO GELATINA

Reafirmando a importância ímpar da ludicidade na Educação Infantil, alicerçada em aspectos como a fantasia, o faz-de-conta, a fruição, salienta-se que os aspectos lúdicos constituem-se em dimensões culturais e artísticas, que formam uma base essencial para a formação humana. As atividades lúdicas permitem desenvolver nas crianças a possibilidade de criação de sentido e significado por meio da imaginação e emoção. Borba (2007, p. 33) afirma que:

A criança pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros - adultos e crianças. Mas essa experiência não é simplesmente reproduzida, e sim recriada a partir do que a criança traz de novo, com o seu poder de imaginar, criar, reinventar e

produzir cultura.

Porém, muitas vezes, o aspecto lúdico é negado a uma linguagem da cultura industrial que valoriza o consumo de bens, produtos e serviços, em função de uma dada dominação capitalista. Tal meio faz com que a criança substitua todo o processo de construção, imaginação e criatividade por brinquedos, brincadeiras, jogos, programas prontos e acabados, o que, segundo Redin (1998, p.69), “torna a criança consumidora de emoções planejadas”, impedindo a valorização da sua própria produção, desafios da criança e autonomia, essenciais para sua formação, incentivando, assim, a cultura da passividade e dependência.

Direcionar atividades lúdicas à imaginação, emoção e criatividade da criança é imprescindível para a formação do indivíduo, para a formação da identidade, autonomia e sensibilidade humana. Para Duarte (2005, p. 47), “o ato do conhecimento e da aprendizagem é, em sua essência, dirigido e orientado pela imaginação”. A imaginação é um meio pelo qual a criança cria significados, projetando sua ação e construção do mundo real.

Desse modo, outra novidade também despertou ainda mais a imaginação e a fantasia das crianças. O que foi? “Uma cabana! Que legal!”, exclamou P. Pedacos de lençóis amarrados em cadeiras viraram a alegria da criançada que, aos poucos, iam chegando e brincando também com potes, caixas e outras sucatas, que nas mãos daqueles pequenos tinham mil e uma utilidades, variados e ricos significados.

A brincadeira, tendo como pilares a fantasia e a imaginação, é um elemento que possibilita a criança aprender mais sobre a relação entre as pessoas, sobre ela mesma e sobre o outro, imitando e experimentando regras e diferentes papéis sociais, ampliando seus conhecimentos de mundo. Assim, as crianças:

Para brincar juntas, necessitam construir e manter um espaço interativo de ações coordenadas, o que envolve a partilha de objetos, espaços, valores, conhecimentos e significados e a negociação de conflitos e disputas. Nesse contexto, as crianças estabelecem laços de sociabilidade e constroem sentimentos e atitudes de solidariedade e de amizade. (BORBA, 2006, p. 41)

Dentro dessa perspectiva, Redin (1998) ressalta que, em detrimento do mercado de consumo, o tempo e o espaço para o brincar, livre e espontâneo, foi substituído pelos

brinquedos industrializados que determinam por si só a lógica do brincar e que acabam negando relações de interatividade e sociabilidade, em função de sua característica individualista. Assim, “Com a expansão do capitalismo (selvagem) a criança perdeu o espaço, perdeu a possibilidade de participar, perdeu a possibilidade do lúdico espontâneo em função de sua substituição por “estruturas de consolidação”, perdeu a possibilidade de experimentação.” (REDIN, 1998, p. 24).

Diante disso, devemos proporcionar e estimular em nossas crianças a brincadeira que privilegia a liberdade, a imaginação e a espontaneidade, tendo caráter criativo, de relacionamento e de prazerosidade. Neste contexto, o brincar será um elemento de grande contribuição para o desenvolvimento integral da criança, bem como para a formação de seres autônomos e participativos, “no brincar as crianças vão se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação nas brincadeiras” (BORBA, 2006, p.41).

Enquanto um grupo de crianças brincava ao redor de uma “mesa”, a estagiária questionou: “Quem vai fazer a gelatina de sobremesa?” L. logo respondeu: “Eu”. “Mas, crianças, vocês sabem como se faz uma gelatina de verdade?”, questionou novamente a estagiária e disse: “Que tal vermos como se faz uma gelatina após o café?”

Após o café, já na sala, a professora estagiária anexou na parede a receita da gelatina, explicando-a. E, em seguida, mãos a obra, começaram a fazer a gelatina, contando com as crianças quantos copos de pó, água quente, fria e... “Borboletinha, tá na cozinha, fazendo gelatina, para a turminha....”

6 PLANTANDO E APRENDENDO COM ALEGRIA...

Finalizando as últimas vivências do estágio, a estagiária explicou a atividade que fariam no pátio da creche: plantar flores em potes que eles levariam para casa naquele dia. Assim, eles formaram uma fila, e a estagiária distribuiu a cabeça e os sapatos da centopéia e, então, disse: “Dorotéia Centopéia resolveu ir viajar, calçou os seus sapatos e se pôs a caminhar...”

Chegando ao local determinado, as crianças começaram o plantio e, com auxílio da estagiária, elas colocavam a terra, escolhiam a cor da flor que iriam plantar, colocavam a muda no pote e, em seguida, um pouco de água. Era visível o encantamento e o significativo

envolvimento das crianças no plantio.

E foi assim que se findou a última etapa do projeto realizado, com muito entusiasmo e expectativa. Fada Jasmim, Canteiro Mágico, Flores, Borboletas, Joanhina Carlota, Centopéia Dorotéia, Jardineiros... Seres encantados que trouxeram magia e alegria para aquele maravilhoso grupo. Saco Encantado, Palavras mágicas, Varinha de condão, Caixa da Magia, Cartas misteriosas, Cabanas, Passeios imaginários, fizeram parte, significativamente, do cenário de experimentação e de fantasia vivenciado pela turma. Porém, nada disso teria valor se não fosse a magia e envolvimento daqueles especiais artistas. Encantadoras crianças, que nada mais fizeram se não vivenciar espontaneamente e significativamente suas emoções e sentimentos, internalizados e externalizados pelo brincar, pela criatividade, pela imaginação, participação, satisfação e carinho, vivendo intensamente sua preciosa e singular etapa de vida: a de ser, verdadeiramente, criança.

CONCLUSÃO

Com a análise sobre o processo de estágio, foi possível constatar que as situações de aprendizagens, pautadas na ludicidade, na fantasia e na imaginação, promovem o envolvimento das crianças, e possibilitam que a escola se caracterize com um espaço que respeita e oportuniza vivências prazerosas de infâncias.

Diante das principais atividades, como visita da Fada Jasmim; dramatização da história Romeu e Julieta; atividade artística de produção de borboletas, com tinta guache e sucata; contação de histórias, utilizando livros, fantoches e cenários; músicas; passeio imaginário; experiências com água; brincadeiras livres; produção de gelatina e plantio de flores, constatamos vivências significativas e alegres, articuladas com a rotina, que proporcionou conhecimentos, interações e espaços prazerosos.

Faz-se necessário, portanto, inserir as crianças no mundo da fantasia, do faz-de-conta, ser com elas bruxas, fadas, crianças... para que se possa, assim, construir uma nova linguagem da educação, pautada em uma formação humana, fundamentada nos princípios de criatividade, sensibilidade e autonomia. Precisamos possibilitar que as crianças façam sua leitura de mundo, contribuindo, assim, para uma formação cidadã, rumo a uma sociedade mais humana, sensível e emancipatória, que respeita e valoriza, acima de tudo, a singularidade e especificidade infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995. 173 p.

BARBOSA, Maria Carmem da Silveira. **Por amor se por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 236 p.

BORBA, Angela Meyer. **O Brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006. p. 33-45.

DUARTE JR., João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2005. 152 p.

KRAMER, Sonia. **A infância e sua singularidade**. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006. p. 13-23.

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar - atividade e materiais**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1995. 111 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 9-29.

MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins. Sobre as crianças, as infâncias e as práticas escolares. In: MÜLLER, Fernanda; REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins (Orgs.). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007. cap. 1, p. 11-22.

PROENÇA, Maria Alice de Rezende. A rotina como âncora do cotidiano na educação infantil. **Revista Pátio Educação Infantil**, São Paulo: Artmed, ano 2, n. 4, p. 13-15, abr./jul. 2004.

REDIN Euclides. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998. cap. 1, 85 p.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Estudos Temáticos**. Florianópolis: IOESC, 2005. p. 192 p.